EMBORNAL
Revista da Associação Nacional de História - Seção Ceará

A Comissão de Socorros Públicos no Piauí no contexto da seca no período oitocentista (1877-1879)

Lucas Clementino Feitosa Pinheiro[1]

Francisco Gleison da Costa Monteiro[2]

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo tecer algumas considerações acerca da Comissão de Socorros Públicos no Piauí dentro do contexto da seca no Piauí oitocentista tendo por objeto de estudo os trabalhadores livres e migrantes na grande seca do triênio de 1877-1879. Procuramos investigar e problematizar como foi a atuação dessa Comissão naquele contexto de seca e calamidade pública. Além disso, também analisamos os diversos requerimentos dos migrantes que chegavam das mais diversas localidades fugindo da seca. Por fim, este artigo é resultado de um estudo que problematiza os discursos de assistencialismo e progresso tão difundidos naquele período como meios para justificar a exploração dessa massa de trabalhadores livres e migrantes.

PALAVRAS-CHAVE: comissão de socorros públicos; seca; migrantes; trabalhadores livres.

ABSTRACT: The present work aims to weave some considerations about the Public Relief Commission in Piauí within the context of the drought in the eighteenth century Piauí as having as object of study the free workers and migrants in the great drought of the triennial 1877-1879. We seek to investigate and problematise how this Commission acted in the context of drought and public calamity. Furthermore, we also looked at the various demands of migrants coming from the most diverse countries. Finally, this article is the result of a study which problematizes the discourses of assistencialism and progress so widespread in that period as means to justify the exploitation of this mass of free workers and migrants.

KEY WORDS: public relief committee; drought; migrants; freelancers.

"Compreender a nossa história a partir do povo, a partir do pobre é dar um instrumento de interpretação às forças de libertação e conscientização atualmente vivas no Brasil, e ao povo uma consciência

[1] Graduado em História pela Universidade Federal do Piauí, UFPI – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. E-mail: luscasfeitosa@gmail.com. Telefone: (89) 99994-2340.

[2] Docente da Universidade Federal do Piauí/CSHNB, doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco, coordenador do Projeto de Extensão "Restauração, Catalogação e Digitalização de documentos eclesiásticos das cidades de Oeiras, Picos e Jaicós", Líder do Núcleo de Estudo e Pesquisa em História do Piauí Oitocentista/ CNPq e Membro do Núcleo de Pesquisa e Documentação em História (NUPEDOCH). E-mail: gleison.monteiro@ufpi.edu.br. Telefone: (86) 99409-6362.

histórica. A tarefa é complexa, difícil, mas não impossível. Precisamos começar. "[3]

A história do Piauí ainda carece de estudos que problematizem a atuação da Comissão de Socorros Públicos no Piauí naquele contexto de seca e que abarque os migrantes e trabalhadores livres no período da seca oitocentista (1877-1879) – essa gente comum – na qual são poucos explorados nos estudos historiográficos nessa região piauiense. Assim, quando se fala em historiografia, não podemos esquecer daqueles autores basilares acerca da historiografia piauiense, tais como: Monsenhor Chaves (2013)[4], Odilon Nunes (2007)[5], Alcebíades Costa Filho (2005)[6], Luis Mott (1985)[7], Solimar Oliveira Lima (2005)[8], Tanya Maria Pires Brandão (1995)[9], entre muitos outros. E também temos autores que ainda estão vivos e que continuam esse legado e repassando seus aprendizados para seus orientandos, tendo como exemplo: Teresinha Jesus de Mesquita Queiroz (2006)[10], Johny Santana de Araújo (2009)[11], Francisco Gleison da Costa Monteiro (2016)[12], dentre outros. Assim sendo, o objetivo do presente texto é direcionar nosso olhar para uma história regional com atenção voltada para a gente simples. Para tanto, é fundamental focar nas questões da pobreza e migração, dois assuntos que têm ligação direta com os sujeitos desta pesquisa e com o supracitado recorte temporal e espacial

---

[3] CHAVES, Monsenhor. **Obra Completa**. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves, 2013, p. 634.
[4] CHAVES, Monsenhor. **Obra Completa**. Teresina: Fundação Municipal de Cultura Monsenhor Chaves, 2013
[5] NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí:** Teresina: FUNDAPI; Fundação Monsenhor Chaves, 2007. (Coleção Grandes Textos, v. I, II, III e IV)
[6] COSTA FILHO, Alcebíades. **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí (1850-1889).** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.
[7] MOTT, Luís R. B. **Piauí Colonial**: população, economia e sociedade. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985.
[8] LIMA, Solimar Oliveira. **Braço forte**: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí - (1822-1871). 1. ed. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2005.
[9] BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **A elite colonial piauiense**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves,1995.
[10] QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Economia piauiense**: da pecuária ao extrativismo.2 ed. Teresina: FUNDAPI, 2006.
[11] ARAÚJO, Johny Santana de. **Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos mais bravos Batalhões do Império:** a propaganda nos jornais piauiense e a mobilização para a guerra do Paraguai 1865-1866. 2009. 300f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, 2009.
[12] MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. **"[...] cumprindo ao homem ser trabalhador, instruido e moralisado":** terra, trabalho e disciplina aos homens livres pobres na Província do Piauí (1850-1888). Recife: UFPE-PE, 2016. **(**Tese de doutorado em História – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CFCH, 2016),

Todavia, a historiografia piauiense ainda necessita de pesquisadores que direcionem seus trabalhos para a história regional para um maior desenvolvimento da história do Piauí, Estado este que precisa cada vez mais de espaço nos manuais de história do Brasil no ensino básico. Dito isso, o professor Francisco Gleison (2016) foi feliz ao dizer o seguinte:

> A temática do trabalho livre nos oitocentos ainda é incipiente na historiografia piauiense, por isso é oportuno, para ampliarmos as discussões, apontarmos caminhos e possibilidades de pesquisa, pois parte da documentação que apontam esses debates nos auxiliam na recuperação das experiências dessa gente, que fora marginalizada, tanto pelos governos dirigentes quanto pela historiografia.[13]

Dessa forma, voltando aos conceitos centrais deste tópico, o tema da pobreza não é recente na historiografia. Sabemos que ao longo da história houve miséria, pobreza, desigualdade social nos mais diversos âmbitos da sociedade. Essa temática ganhou força nos séculos XIX e XX com as constantes imigrações de europeus para fugir da fome.

> É preciso que se confesse corajosamente que a terra da promissão, para a qual foram atraídos, só no século passado, cem milhões de imigrantes europeus, que procuravam fugir às garras da pobreza, também é uma terra onde se passa fome, onde se vive lutando contra a fome, onde milhões de indivíduos morrem de fome.[14]

Desse modo, como se pode ver, nas américas também era uma terra onde boa parte das classes mais baixas viviam na miséria. Assim, nos anos de 1877 a 1879 o Piauí viveu um dos piores momentos da sua história com a seca que assolou boa parte da região obrigando muitos sertanejos a migrarem para Teresina para fugir da fome e da seca, mas o que aconteceu foi que a pobreza os abraçou ainda mais forte nessa condição, ocasionando um estado de calamidade pública sendo noticiados nos jornais da época.

Assim, o mote da pobreza e migração andavam lado a lado, transformando o cotidiano da capital Teresina e deixando a elite insatisfeita com a situação (essa

---

[13] MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. **"[...] cumprindo ao homem ser trabalhador, instruido e moralisado":** terra, trabalho e disciplina aos homens livres pobres na Província do Piauí (1850-1888). Recife: UFPE-PE, 2016, p. 21

[14] CASTRO, Josué. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984, p.49.

insatisfação se deu porque estavam incomodados em conviver no mesmo espaço que aquela baixa camada da sociedade), já que, "no final do século XIX, o governo tratava o pobre urbano primordialmente como fonte de desordens, doenças perigosas, força muscular e bucha de canhão. "[15]

Além disso, percebemos que nesse período de seca, os problemas não devem ser reduzidos somente às questões climáticas. Devemos entender outras questões que envolvem esses sujeitos, como argumenta a historiadora Maria Malfada Baldoino de Araújo (1991) no seu livro "O poder e a seca de (1877-1879) no Piauí."[16] Desse modo, "a migração fez com que o conceito de pobreza, caridade e responsabilidade social se transmutasse, levando o governo a assumir a gestão da pobreza sob as formas de controle, disciplinamento e caridade, com aparência filantrópica. "[17]

Quando se fala em pobreza, logo nos vêm à mente aquela imagem de "Os Retirantes", de Candido Portinari, retratando a fome, o desprezo, a migração e a dor. Essa cena foi constante no já referido período na capital Teresina, onde ficavam amontoados à espera de ajuda do governo, seja lhes "dando abrigo", ou seja, lhes dando viveres, enviados pela Comissão de Socorros Públicos do Piauí, como é percebido nesse relatório da época: "(...) aos habitantes desta localidade que, em quaze seca totalidade, estão em estado de verdadeira necessidade, carecendo mesmo de attenções do governo."[18]

Portanto, um dos objetivos deste trabalho é tentar sanar aquela escassez de produções acadêmicas envolvendo o tema, espaço físico e temporal, como já foi

[15] HAHNER, June E. **Pobreza e política**: os pobres urbanos no Brasil - 1870-1970 - Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993, p. 243.

[16] ARAÚJO, Maria. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991.

[17] GADELHA, Georgina; LIMA, Zilda. Cortejo de miséria: seca, assistência e mortalidade infantil na segunda metade do século XIX no Ceará. **História e Cultura**, São Paulo, v. 6 n. 2, p. 101-118. Disponível em: https://periodicos.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/2204. Acesso em: 27 nov. 2023.

[18] APEPI. Fundo do Palácio do Governo. Série: Comissão de Socorros. Anos: 1877-1879. Caixa 113.

discutido pelo professor Francisco Gleison (2016)[19] na introdução de sua tese, e contribuir para o crescimento da historiografia piauiense.

Adicionado a isso, o propósito deste artigo é tratar acerca da gente comum nos moldes da metodologia da história vista de baixo do historiador Edward Thompson (2001) que procurava buscar uma ideia das classes populares da Inglaterra ao longo da história, ou seja, a análise da vida desses sujeitos deveriam ser de dentro do próprio contexto inglês, e não de análises estranhas àquela realidade vivida. Portanto, a classe Thompson tinha sua importância na escrita da História.

> As classes não existem como entidades separadas que olham ao redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, para mim, as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os explorados), identificam os nós dos interesses antagônicos, debatem-se em torno desses membros nós e, no curso de tal processo de luta, descobrem a si mesmas como uma classe, vindo, pois, a fazer a descoberta da sua consciência de classe. Classe e consciência de classe são sempre o último e não o primeiro degrau de um processo histórico real".[20]

Ademais, este trabalho também segue a metodologia da micro-história do historiador italiano Carlo Ginzburg (1989)[21], com foco nos trabalhadores livres e migrantes na seca no Piauí oitocentista (1877-1879), na qual esses indivíduos foram muitas vezes desclassificados pelas organizações políticas e econômicas de seu período, cujo ocasionava um empecilho para que esses sujeitos tivessem um acesso à terra - como no caso dos posseiros, agregados, vaqueiros, pequenos agricultores, escravizados e retirantes.

Porém, muitos desses indivíduos ainda permanecem no anonimato, não se sabe sequer os nomes desses sujeitos, e um dos objetivos deste trabalho é mostrar que esse povo tinha nome e uma história para contar. Assim, "o fio de Ariana que guia o

[19] MONTEIRO, Francisco Gleison da Costa. **"[...] cumprindo ao homem ser trabalhador, instruido e moralisado":** terra, trabalho e disciplina aos homens livres pobres na Província do Piauí (1850-1888). Recife: UFPE-PE, 2016, p. 30.

[20] THOMPSON, Edward. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001, p. 274.

[21] GINZBURG, Carlo. **Micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

investigador no labirinto documental é aquilo que distingue um indivíduo de um outro em todas as sociedades conhecidas: o nome."[22]

No capítulo "*Sinais raízes de um paradigma indiciário",* Carlo Ginzburg inicia sua escrita com uma citação do historiador alemão Aby Warburg onde este diz o seguinte: "Deus está no particular."[23] Ou seja, um dos objetivos do Ginzburg nesse capítulo é dizer que o sentido da História está nas "pequenas coisas". Os detalhes negligenciados, que as pessoas não prestam atenção, são de suma importância para o historiador da micro-história. Desse modo, na análise de nossas fontes, encontramos uma problemática: não há de forma explícita as funções exercidas por esses trabalhadores livres, mas sabemos que há trabalho ali, já que foi citado nas fontes obras públicas, então imaginamos que nessas obras houve práticas de trabalhos pesados envolvendo a força bruta

Dessa forma, fazemos uso daquilo o Carlo Ginzburg (1989) resolveu chamar de "paradigma indiciário" (paradigma - uma nova forma de chegar a um conhecimento; indiciário - feito por indícios, por pequenos elementos, pequenas pistas) e são nesses mínimos detalhes que aparece uma história oculta, não vista a olho nu, vista através de um olho calibrado que pode ser de um historiador, um investigador de algum romance policial, de analista clínico, etc. Esses sinais marginalizados, esquecidos e com "pouca relevância" muitos se assemelham com os rastros deixados pela "presa" de um caçador.

> Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tudo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas.[24]

Esse conhecimento indireto, parecido com aquilo que o historiador faz ao percorrer os caminhos do passado para a reconstrução de uma história, vem a partir dessas pistas, desses paradigmas indiciários. Logo, você consegue construir uma parte

---

[22] GINZBURG, Carlo. **Micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, 174.

[23] GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 143.

[24] GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 151

do todo. E esse trabalho de decifração se refere ao passado. Portanto, Carlo Ginzburg toma emprestado o método de crítica das obras de arte do historiador italiano Giovanni Morelli, na qual este desenvolveu uma técnica de análise rigorosa das pinturas para identificar aquilo que era falso e aquilo que era verdadeiro.

> Vejamos rapidamente em que consistia esse método. Os museus, dizia Morelli, estão cheios de quadros atribuídos de maneira incorreta. Mas devolver cada quadro ao seu verdadeiro autor é difícil: muitíssimas vezes encontramo-nos frente a obras não-assinadas, talvez pintadas ou num mau estado de conservação. Nessas condições, é indispensável poder distinguir os originais das cópias. Para tanto, porém (dizia Morelli), é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros: os olhos erguidos para o céu dos personagens de Perugino, o sorriso dos de Leonard, e assim por diante. Pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés.[25](Ginzburg, 1989, p. 144).

Essa micro-história muito se assemelha com o trabalho do biólogo onde este consegue enxergar a vida através de um microscópio. Também pode se assemelhar a um filme cujo atores coadjuvantes demonstram que também é uma peça fundamental para o enredo da história. Logo, o labor do historiador, que adota essa metodologia, é de conseguir captar um universo desconhecido através de uma análise minuciosa das fontes.

> A ideia que se pode revelar muito olhando com atenção para um lugar onde aparentemente nada acontece sugere, se não um procedimento, ao menos a qualidade de observação ou de uma perspectiva frente aos objetos da análise. Uma atitude intelectual que se alimenta da convicção de que o olhar através do microscópio, o interesse pelo minúsculo - ou mesmo, no limite, pela miudeza e por aquilo que mais facilmente se negligencia -, pode revelar dimensões inesperadas dos objetos e, com sorte, perturbar convicções arraigadas no domínio da história.[26]

Desse modo, a intenção aqui é fazer com que a história desses fantasmas da história ganhe cada vez mais espaço nos debates acerca dessa temática. Nesse sentido, podemos questionar como escrever a história acerca da vida desses indivíduos sem

[25] GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 144.
[26] ESPADA LIMA, Henrique**. *A micro-história italiana***: escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 14.

rostos, desconhecidos? A multidão na história, que tanto nos fala George Rudé (1991)[27], pode ajudar a resolver esse questionamento. Assim, "como todo imaginário social, o dos operários está povoado de fantasmas. Mas os fantasmas também fazem a história."[28] Dessa maneira, "no passado, podiam-se acusar os historiadores de querer conhecer somente as 'gestas dos reis'. Hoje, é claro, não é mais assim. Cada vez mais, se interessam pelo que seus predecessores haviam ocultado, deixado de lado ou simplesmente ignorado."[29]

OS TRABALHADORES LIVRES E MIGRANTES DA SECA NO PIAUÍ OITOCENTISTA

As migrações em massa, naquele contexto, surgiram para fugir da seca. Em busca de um pedaço terra, esses sujeitos saiam rumo a localidades que não estivessem sido castigados pela estiagem ou que estas já tivessem um sistema hídrico que suprisse as necessidades básicas tanto da população local como desses retirantes que vinham de diferentes áreas. No caso do Piauí, muitos direcionaram-se para Teresina. Logo, esses migrantes muito se parecem com o Severino que tanto o João Cabral de Melo Neto (2010) fala em seu poema "Morte e Vida Severina". Severino que tanto fugiu da seca para não morrer; que tanto procurou um pedaço de terra para sobreviver, acabou encontrando somente em seu leito de morte. "Só a morte tem encontrado quem pensava encontrar vida"[30]

Por conseguinte, além dos migrantes, entra nessa questão os trabalhadores livres, que "(...) de profissões liberais que não se libertaram jamais"[31] e, mesmo que suas ocupações fossem temporárias, - "mas o que se vê não é isso: é sempre nosso serviço crescendo mais cada dia; morre gente que nem vivia"[32] - houve uma exploração no trabalho desses sujeitos, que, segundo o pensamento daquela época, havia uma distinção social e esses retirantes "tinham a obrigação de trabalhar para os outros,

---

[27] RUDÉ, George. **A multidão na história**: estudos dos movimentos populares na Franca e na Inglaterra, 1730 1848. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
[28] PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017, p. 77.
[29] GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 11.
[30] NETO, João. **Morte e Vida Severina**: e outros poemas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 96.
[31] NETO, João. **Morte e Vida Severina**: e outros poemas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 119.
[32] NETO, João. **Morte e Vida Severina**: e outros poemas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 123.

naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim"[33]. Portanto, Graciliano Ramos (1996) através de seu romance "Vidas Secas", faz essa denúncia desse fenômeno social que foi muito comum nesses períodos de seca e miséria em que essa grande massa anônima era explorada pelos governos das províncias e pelos grandes fazendeiros.

É diante desse cenário que a historiadora Maria Mafalda Baldoino de Araújo (1991) faz uma análise da pobreza e da sociedade que esses indivíduos estavam inseridos na capital Teresina, principal destino desses retirantes que partiam do Ceará e do interior do Piauí para se refugiarem da seca. Mas esses indivíduos não foram bem-vistos pela elite daquela região que estavam com medo e tinham preconceitos contra esses sujeitos.

> O cenário criado pelos migrantes, na Capital, mostrou-se ameaçador pelo grande número de pobres, sem ocupação, que perambulavam pelas ruas da cidade. No imaginário dos governantes, essa afluência de pobres era ocasião para a desordem, e, por conta disso, tomavam duas providências: estimulavam a saída dessa população sem trabalho e meios de sobrevivência para outras regiões e criavas estratégias de trabalho para a população nômade restante, através de obras públicas e núcleos coloniais.[34]

Nesta segunda providência, ganha destaque os trabalhadores livres, a qual essa classe de trabalhadores ganhou diversas conotações nada agradáveis e que merecem ser problematizadas. Assim, antes disso, é importante pontuarmos quais trabalhos esses sujeitos exerciam. Para tanto, o professor Francisco Gleison da Costa Monteiro (2020) fez um ótimo trabalho ao mapear as "profissões ou empregos" desses trabalhadores livres, que são estes: "alfaiate, agencia, agregado, caixeiro, carcereiro, carpina, coletor, creador, curtidor, empregado, fazendeiro, feitor, ferreiro, lavrador, marchante, negociante, ouriveres, oleiro, pedreiro, pescador, proprietário, roceiro, sachrista, sapateiro, tanoeiro e vaqueiro. "[35]

---

[33] RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 71ªed. Rio, São Paulo: Record, 1996, p. 96.

[34] ARAÚJO, Maria. **Cotidiano e pobreza**: a magia da sobrevivência em Teresina. Teresina: EDUFPI, 1995, p. 76.

[35] MONTEIRO, Francisco. Profissões ou empregos nas províncias do Piauí. In: LIMA, Nilsângela (Orgs**). Páginas da História do Piauí colonial e provincial**. Teresina: EDUFPI, 2020, p. 144-142.

É diante dessa pluralidade de serviços exercidos por esses trabalhadores que os "os livres começaram a aparecer com denominações em que diziam: 'vivem de' algo e não do seu 'trabalho', porque essa designação afastava-os do escravo, por terem rendas próprias e serem autônomos em seus negócios. "[36] Dessa forma, entende-se que um dos motivos da elite em menosprezar esses homens estavam no modo como esses sujeitos ganhavam seu pão. Esses trabalhos eram exercidos de modo irregular, e isso aborrecia muito essa fidalguia, pois, supostamente, essa "liberdade" rompia com a hierarquia social, dado que, como herança da sociedade colonial, "os homens pobres deveriam ser submissos aos membros da elite. "[37]

No que concerne às obras públicas que esses indivíduos foram direcionados que, a princípio, por uma vaidade por parte das elites em querer se livrar desses sujeitos que estavam circulando pela cidade,

> Pelo discurso da elite, notamos uma preocupação quanto à questão do trabalho. Tal preocupação é concretizada através de leis, de códigos de posturas repressores da vadiagem, que obrigavam os homens livres pobres a trabalhar. Segundo Sidney, Chalhoub, no Brasil a vadiagem representava uma ameaça ao progresso, à moral e aos bons costumes. Acrescenta ainda que, no processo de construção da ideologia do trabalho, foi também elaborado o conceito de vadiagem. Nessa perspectiva, a ociosidade das classes pobres, apontada com uma porta aberta para o crime impunha a necessidade e a urgência de sua repressão.[38]

Além disso, soma-se a questão da modernização que o Brasil estava inserido, ou seja, seguindo um padrão europeu, a elite segregava a sociedade e mantinha um padrão na cidade excluindo aqueles que desregulavam a ordem, a beleza e a harmonia, assim como fez a elite do Rio de Janeiro no início da república, como bem mostra o historiador Nicolau Sevcenko (1998) ao analisar os discursos do João do Rio e Lima Barreto.

> Essa retratação do espaço privado não se dava apenas pela promiscuidade a que a política urbana compelia os grupos carentes, mas sobretudo pelo modo

[36] MONTEIRO, Francisco. **"[...] cumprindo ao homem ser trabalhador, instruido e moralisado":** terra, trabalho e disciplina aos homens livres pobres na Província do Piauí (1850-1888). Recife: UFPE-PE, 2016, p. 118.
[37] MONTEIRO, Francisco. **"[...] cumprindo ao homem ser trabalhador, instruido e moralisado":** terra, trabalho e disciplina aos homens livres pobres na Província do Piauí (1850-1888). Recife: UFPE-PE, 2016, p. 88.
[38] ARAÚJO, Maria. **Cotidiano e pobreza**: a magia da sobrevivência em Teresina. Teresina: EDUFPI, 1995, p. 73.

> como os expunha à intromissão abrupta e ameaçadora da autoridade a qualquer hora e em qualquer lugar. Comprimidos entre seus companheiros de infortúnio, seus animais domésticos, os percevejos e a polícia, a privacidade para essas pessoas se torna em especial uma fantasia, o privilégio almejado de compartilhar o mundo secreto daqueles que quebram os valores e as regras da ordem dominante, tendo o cuidado de manter a aparência das conveniências oficiais.[39]

Ademais, quando esses sujeitos foram direcionados para os empregos propostos pelas autoridades, percebe-se que esses trabalhos que esses homens eram empregados foram ocupações temporárias, tendo em vista que esses migrantes estavam fugindo da seca do triênio de 1877-1879 à procura de qualquer emprego que pudesse alcançar o seu sustento através do suor do seu trabalho. Todavia, ao analisar as fontes, se percebe que essas ocupações temporárias para esses indivíduos tinha uma outra função: a de mantê-los longe das elites, pois estes estavam com medo de saques de uma aglomeração de pessoas que circulavam pelas vilas e acabaram tendo como destino principal a capital Teresina, como bem mostrou o literato Abdias Neves (2000) através de seu romance histórico "Um Manicaca".[40]

Acerca dessas ocupações que esses trabalhadores livres foram direcionados, como se não bastasse a condição miserável que esses indivíduos estavam inseridos, se tinha a exploração da mão de obra (exploração do homem), das políticas públicas e da seca. A começar pelo homem, como já foi dito anteriormente, esses indivíduos foram direcionados para as obras públicas longe das elites, mas, além disso, houve uma estratégia por parte dos governos provinciais e dos proprietários para a alocação desses roceiros em serviços privados e públicos. Ou seja, essas autoridades se aproveitaram desse contingente populacional para explorá-los nos trabalhos das colônias e das obras públicas, oferecendo-lhes apenas uma miséria de proventos em que mal dava para alimentar suas famílias.

Infelizmente, as nossas fontes não deixam claro quais seriam esses ofícios, mas elas falam em direcionar esses sujeitos para núcleos coloniais e havia uma espécie de

[39] SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (História da vida privada no Brasil; vol. 3). p. 544.
[40] NEVES, Abdias. **Um Manicaca**. 3 ed. Teresina: Corisco, 2000.

matrícula na qual havia toda uma seleção e identificação desses indivíduos, o que nos faz pensar que, por um lado, havia um trabalho de estatística nessa ação, e, por outro lado, a gente deduz que essa era uma forma de controlar tanto a quantidade como a alocação dessas pessoas que eram direcionadas para esses núcleos coloniais.

QUADRO 1 – Lista de migrantes matriculados no núcleo colonial Antônio José de Araújo Pereira

Nome	**Idade**	**Naturalidade**
João Norberto da Annunciação	27	Piauhy
Ricardo Bispo de Sousa	46	
Camila Maria dos [???]	38	
Luisa Maria dos Santos	22	
Maria Francisca dos Santos	20	
Victoria Maria dos Santos	18	
Eduardo Bispo de Sousa	12	
Maria José dos Santos	07	
Raimunda Maria dos Santos	60	

Gonçalo Pereira da Costa	40	Ceará
Maria Rofina Moreira	40	
Gonçala Rofina Moreira	07	
Manoel Fernando da Costa	03	

Fonte: tabela elaborada pelo autor Lucas Clementino Feitosa Pinheiro (2023) a partir das leituras e transcrições da documentação da Comissão de Socorros Públicos.

Como pode ser observado, o núcleo abrigava uma variedade de pessoas nas mais diversas idades, indo de crianças a idosos. Além disso, dentro dessa lista havia um sujeito do Ceará e alocado nesse núcleo. Teresina recebeu muitos migrantes do Ceará, já que o Estado faz fronteira com o Piauí. Imaginemos que esses espaços em brancos na parte de naturalidade desses sujeitos sejam do Piauí mesmo, pois o autor que elaborou esse documento teve a ideia de colocar somente o nome do Estado daqueles sujeitos vindo de fora do Piauí. Portanto, devemos compreender que na boa parte desses núcleos coloniais serviam para isolar tanto o migrante como o trabalhador livre das vistas daquela elite, ou seja, a criação dessas instituições serviu como segregação social dentro daquele contexto.

> Sendo o trabalho um meio para resolução dos problemas de mendicância e vadiagem, alguns dos retirantes eram mantidos na capital exercendo atividades anteriormente restrita a escravos, assim como também eram mandados para outros locais, dependendo da necessidade de mão de obra. Muitos se dirigiram ao interior piauiense para a lida na pecuária e agricultura em fazendas particulares e foram alocados em núcleos coloniais. Quando não eram alocados em obras públicas ou núcleos coloniais, muitos desses retirantes eram mandados para instituições, locais de isolamento e precariedade. Todos os esforços das autoridades significavam tentativas de afastamento dos considerados marginais e flagelados, para evitar que cometessem algum tipo de crime. Era necessário tirá-los das ruas e isolá-los, deixando-os longe dos olhares da elite local.[41]

[41] GONÇALVES, Kércia. **Degradados da seca**: políticas intervencionistas em Teresina (1877-1879). Dissertação - (Mestrado em História) Centro de Ciências Humanas e Letras – UFPI. Teresina, 2022, p. 60.

Como já disse anteriormente, a fonte analisada não deixa explicito que trabalhos foram estes exercidos por esses migrantes e trabalhadores livres, mas há citação de construção de obras públicas na documentação coligida, como é o caso de uma construção de um hospital:

Quadro 02 – Orçamento para a obra da capital da Santa Casa Misericórdia

Materiais para a construção	Quantidade em dinheiro em Réis
2 milheiros de andy (tijolos)	40.000
1500 telhas	30.000
50 carradas de pedra	32.000
25 sacos de cal	25.000
40 carradas de areia	20.000
3500 tijolos	52.500
1 mestre da obra	60.000

Fonte: tabela elaborada pelo autor Lucas Clementino Feitosa Pinheiro (2023) a partir das leituras e transcrições da documentação da Comissão de Socorros Públicos.

Portanto, constata-se que no meio desse orçamento havia um mestre de obra e que esse trabalhador poderia ser algum migrante que dominasse essa arte mecânica ou algum homem livre, ambos poderiam estar sujeitos ao contrato de sessenta mil réis, o que equivalente a mil quinhentos reais, convertendo para a moeda que predomina nos dias de hoje no nosso território. Quando falamos em trabalhador livre, é erro dizer que esse tipo de trabalho surgiu nesse contexto de seca. Logo,

> No século XIX e primeiras décadas do XX muitos deles eram trabalhadores livres e despossuídos que moravam em terras alheias, cultivando parcelas das mesmas e, com certa frequência, havia uma relação de parentesco entre estes dependentes e os proprietários das terras. Sua contribuição econômica

> e social no mundo rural dos oitocentos apesar de pouco conhecida, não foi irrelevante (...).[42]

Enfim, ainda dentro de um contexto em que ainda predominava a perversa prática da escravidão, os homens livres inseridos naquela conjuntura ainda são pouco estudados e poucos sabemos de seus cotidianos. No caso do Piauí, o trabalho livre surgiu como forma de resistência aos trabalhos duros e desumanos impostos pelos grandes fazendeiros, como defende o autor Francisco Gleison da Costa Monteiro (2016). Além disso, a imagem de desordem, nos dizeres da elite, não surgiu com a migração em massa para a capital, já havia "mendigagem" pela capital, pois muitos preferiam a ficar nessa condição a exercer um trabalho escravo, mesmo sendo um sujeito livre. Portanto, "expropriados de bens, alguns desses homens tornaram-se mendigos, perambulavam pela capital, sertões e vilas; procuravam empregos temporários e, às vezes, até praticavam pequenos delitos para sobreviverem."[43]

AS POLÍTICAS DE SOCORROS PÚBLICOS NA SECA NO PIAUÍ OITOCENTISTA

No que concerne às políticas públicas e a seca, para sair dessa situação de calamidade foram criadas a comissão de socorros públicos, que tinha como objetivo destinar ajudas para essa grande massa de migrantes. Todavia, com uma falta de uma fiscalização rigorosa por parte das autoridades para verificar se essa ajuda realmente chegasse ao seu destinatário final, houve uma exploração por parte dos grandes fazendeiros e comerciantes que acabavam desviando esses alimentos e obtiveram um lucro às custas de verbas públicas.

> Assim, tratando-se da questão de fornecimento e distribuição de viveres aos núcleos, observa-se que, desde sua criação, até sua extinção, depara-se com dois problemas: O primeiro, o não estabelecimento criterioso, nos primeiros contratos, do quanto deveriam os contratantes receber e doar e o segundo, embora fossem os contratos mais bem definidos, numa etapa posterior, permitiam, sobremaneira, os abusos mais desastrosos.[44]

---

[42] GUIMARÃES, Elione. Homens livres pobres e dependentes na diversificação da agricultura mineira (Zona da mata, século XIX). In: BRANDÃO, Tanya; CHRISTILLINO, Cristiano. **Nas bordas do plantation**: agricultura e pecuária no Brasil colônia e império. Recife: editora, UFPE, 2014, p. 93.
[43] MONTEIRO, Francisco. **"[...] cumprindo ao homem ser trabalhador, instruido e moralisado":** terra, trabalho e disciplina aos homens livres pobres na Província do Piauí (1850-1888). Recife: UFPE-PE, 2016, p. 129.
[44] ARAÚJO, Maria. **O poder e a seca de 1877/79 no Piauí**. Teresina: UFPI/Academia Piauiense de Letras, 1991, p. 89.

E esses casos de desvio de ajudas públicas fica evidente quando se analisa as fontes da época, como é o caso dessa correspondência do procurador Vitalino d´Oliveira Costa:

> Communico a VExª. que o nucleo de emigrantes do meu sitio morro desde sua reação até hoje só tem sido fornecido pelo Governo com o mismero de oito quartas de farinha, não obstante ser o Governo obrigado, por contracto de 3 de janeiro do corrente anno á fornecer ,mensalmente, 40 quartas de 50 litros de viveres para o sustento dos ditos emigrantes, em consequencia arrimo na necessidade de ceder-lhes uma róça de mandioca, de que os emigrantes servirão-se, tendo constantemente supprimido os mesmos com carne, até a presente data; nestas condições não me sendo possível continuar com o supprimento de cereas, por adiantamento, dos que o Governo devia ministrar, venho rogar a VExª. sinar-se ordenar comissão de socorros publicos, que me entregue os viveres que já devia ter recebidos na forma do referido contracto, do contrario declaro que delle desisto, desde já.[45]

À vista disso, se deve perguntar qual era intenção desse cidadão ao ceder uma roça de mandioca para esses migrantes? Será que ele realmente tinha a intenção de ajudá-los? Não sabemos, mas o que a história e as fontes nos mostram é que muitos desses homens tidos como bons samaritanos acabavam se aproveitando dessa condição precária dos migrantes que estavam fugindo da seca. E para onde foi esses viveres que já deveriam ter sido entregues para ser feito a distribuição para esses famintos? Também não sabemos o seu destino. Mas o que se sabe é que naquele período houve muito desvio de alimentos para revender e lucrar. Ou seja, esses proprietários se enriqueciam às custas do suor e da fome desses trabalhadores livres e migrantes da seca.

> «O nosso governo trata tudo com indifferença. Os recursos que manda são migalhas; Despertão a cobiça e o appetite, porem não matão a fome dos nossos cidadãos. Entretanto é necessario tomar outra attitude mais consentanea com as circunstância; é urgente que preste auxilios mais promptos e efficazes as victimas da secca para não termos de lamentar maiores desgraças; é forçoso que venha em soccorro dos centros devastados para que, como no Ceará, não fiquem abandonados e transformados em desertos em que nem os mochos com o seu piar agoureiro quebrarão a lugubre silencio das solidões!!» (...) Que medidas, por tanto, tem tomado, ou pretende tomar o governo da provincia para soccorrer as populações assim flageladas pela secca, bem como para prevenir os males incalculaveis da sua prolongação? As commissões de soccorros, com honrosas excepções, são

[45] **APEPI**. Fundo do Palácio do Governo. Série: Comissão de Socorros. Anos: 1877-1879. Caixa 113.

> sociedades em comandita, constituidas em detrimento dos pobres e necessitados, a que são chamadas a amparar. [46]

Como podem observar, o trecho que está entre as aspas portuguesas é de um pedido de socorro vindo da cidade de Oeiras, onde o leitor pode sentir o desespero desse indivíduo que enviou essa carta para o jornal publicar em forma de noticiário para informar o que estava acontecendo no interior do Piauí. Ademais, esse trecho mostra uma certa indignidade, não só desse sujeito, mas de toda aquela gente afetada pela seca, ao dizer que os recursos destinados para as vítimas da seca não chegavam diretamente nas mãos dessas pessoas e, quando chegava, eram “migalhas”, usando as palavras do próprio autor. E quem eram essas pessoas? Vamos chamá-las pelos nomes, pois, usando esses substantivos genéricos (vítimas, flagelados, afetados, etc.) podemos cair no erro de não ver o sinal marginalizado. [47]

> Moraes Jacino Ferreira dos Santos, e sua mulher, Francisca Rodrigues de Sousa [;] pêssoas miseraveis yindigentes acarretados de uma família de 5 filho[s]; menores, digo duas mouças, e 3 menores; achando-se todos [deferidos]; aponto de não puderem [afaricer] e em termos de perecer a fome; já não achando-se sofrer com mais recurso algum vendo à perecer sua pobre família a mingua [.] vem respeitosamente implorar a benevolencia Sr. Seo respeitavel despacho mandar Vx^{a}. a listar [???] com toda a sua família na sua [respeitiva] comição de socorros desta [lafital?], As receber os diarios e vestuarios concebidos a S^{r} esmollas aos infelizes miseraveis; são os nomes dos filhos do [???] o seguinte Maria, Raimundo, Joaquina, Joana, Manoella, nestes termos: Pede a [???] a Vx^{a} o facto de sua [indefectível?] justiça e magnimidade conséda a graça q a [???] do (...).[48]

Quantos Jacintos e quantas Franciscas não passaram por situações semelhantes iguais a essa? Tendo que implorar e se humilhar às autoridades daquele período pela básico para sobreviver e, mesmo assim, sabe-se que muitos desses pedidos eram ignorados e eram usados como cartilhas para fomentar as estratégias usadas por alguns políticos que se aproveitavam dessa situação de calamidade na região do Nordeste para se beneficiar com ganhos próprios, ou seja, os recursos que eram destinados para esses pobres, eram desviados. E essa era uma prática que vinha desde do período colonial. O

---

[46] **A Imprensa**. 12 jan. 1878, p. 1.
[47] GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
[48] APEPI. Fundo do Palácio do Governo. Série: Comissão de Socorros. Anos: 1877-1879. Caixa 113.

documento apresenta algumas inconstâncias em algumas palavras, o que dificultou a sua transcrição, mas nada impede o que esse trecho quis passar para o leitor. Assim,

> O governo do Piauí, através da Comissão de Socorros Públicos, consubstanciava a política assistencialista de doação de viveres - arroz, feijão e farinha - madapulã, riscado americano, algodãozinho, chita, redes para dormir; e instrumentos de trabalho - machados, foices, enxadas e até panela de ferro. Através dessas Comissões de Socorros foi possível perceber os desmandos na aplicação dos recursos públicos durante os anos da seca (1877-1879) utilizados como mecanismos eficazes de criação da “indústria da seca”.[49] (Araújo, 1995, p. 67).

Essa seca, mais que um problema ambiental e climático, tornou-se também um problema social. A ganância do homem não tem limites e atreladas ao capitalismo torna-se um monstro para as classes mais baixas, visto que são estas que são as mais afetadas nos momentos de desastres ambientais.

> Assim, diante desse quadro, a seca de 1877 se apresenta como de gravíssimas proporções, fechando o ciclo dos períodos de escassez em que apenas se contabilizavam as perdas, se conjeturavam quanto às razões de irregularidade de chuvas e se lamentavam as mortes – a seca torna-se, a partir de então, um “fenômeno social”.[50]

A comissão de socorros públicos recebeu diversos pedidos de ajuda e esse órgão servia justamente para auxiliar essa gente, mas os pedidos eram expedidos por meio de documentos até que se chegassem aos responsáveis por essas leituras e atendesse aos pedidos, como é o caso dessa pobre mulher: “Leandra Maria de Cru, minimamente pobre, achando-se em completo estado de nudez assim como uma filha que tem, vem pedir a VEx[a] que lhe mande [???] pela commissão de Soccorros desta Capital, fazendas para que já fica [???].”[51]

Infelizmente, não conseguimos identificar essa última parte, mas dá a entender que a mãe estava procurando algum núcleo colonial como forma de abrigo tanto para ela como para sua filha. Já discutimos aqui a função desses núcleos coloniais, todavia, apesar de seu caráter de exploração, muitas procuravam esses núcleos justamente porque não tinham para onde ir. Além disso, dependiam da boa vontade de terceiros,

---

49 ARAÚJO, Maria. **Cotidiano e pobreza**: a magia da sobrevivência em Teresina. Teresina: EDUFPI, 1995, p. 67.
50 NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história**: saques e outras ações de massas no Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000, p. 47.
51 **APEPI**. Fundo do Palácio do Governo. Série: Comissão de Socorros. Anos: 1877-1879. Caixa 113.

pois, nessa comissão, quem ficava à frente era a elite local. Ou seja, suas vidas dependiam das boas vontades desses sujeitos.

> A Comissão de Socorros funcionava como a ligação entre classes sociais diferentes, pois colocava migrantes em contato com a elite local e provincial. Desse modo, os que não possuíam meios de sobrevivência dependiam de forma exclusiva dos recursos mandados pelas autoridades. E, mesmo com tamanha súplica, a que os migrantes se expunham, as autoridades desviavam e lucravam dos recursos destinados para minimizar a situação que os migrantes se encontravam.[52]

Ademais, acreditar que essa comissão atendesses aos constantes pedidos de ajudar é errôneo. A caridade e o assistencialismo proclamados por essa instituição que estava associada a uma espécie de filantropia foram insuficientes para atender a enorme quantidade migrantes e cidadãos afetados pela seca. Associado a isso estavam os escândalos de desvio de verba e viveres que não chegavam a essa gente. Diante dessa situação, migrantes e trabalhadores livres, que também recorreram a esses assistencialismos, padeciam.

> Muitos operários autônomos, como alfaiates, sapateiros, floreiras, pedreiros e artesãos, vivendo um período crítico de recessão financeira, com amplo desemprego e carestia dos gêneros de primeira necessidade, apelavam para a filantropia institucionalizada por grupo de operários, como a Sociedade de Socorros Mútuos, e para os setores públicos – Comissão de Socorros Públicos, que auxiliava os indigentes; Hospital da Santa Casa de Misericórdia, que amparava os doentes gratuitamente, e o Asilo de Mendicidade, que se propunha a receber os mendigos. Pela investigação nos documentos, sabemos que estas formas de filantropia, institucionalizada não serviam para diminuir o índice de pobreza da cidade, possibilitando apenas uma sobrevivência precária a essa gente.[53]

A seca de 1877-1879 formou esse panorama na capital Teresina afetando esses trabalhadores livres e migrantes que, ao chegar nessa cidade, o sentimento de frustação foi inevitável, pois era muita gente para pouco assistencialismo e caridade. Logo, muitos não aguentavam ficar nessa situação e recorriam aos saques e roubos (que era uma forma de resistência em meio àquela opressão), causando um temor na elite que

---

[52] GONÇALVES, Kércia. **Degradados da seca**: políticas intervencionistas em Teresina (1877-1879). Dissertação - (Mestrado em História) Centro de Ciências Humanas e Letras – UFPI. Teresina, 2022, p. 90-91.

[53] ARAÚJO, Maria. **Cotidiano e pobreza**: a magia da sobrevivência em Teresina. Teresina: EDUFPI, 1995, p. 37).

argumentavam que o governo precisava retirar esses indivíduos do centro urbanos e direcionassem para os núcleos coloniais ou fazendas. Enquanto isso não acontecia,

> A multidão heterogênea de pobres ora reunia-se em grupos grandes nos espaços abertos das praças e ora dispersava-se em pequenos núcleos nas esquinas, talvez em busca da maneira mais eficaz para conseguir alimentos, roupas e remédios e poder retornar triunfante aos acampamentos situados fora do perímetro urbano, onde esperavam, ansiosos, seus familiares – as mulheres, os filhos e os idosos.[54]

Há uma grande variedade de suplicantes na documentação coligida que corrobora com que o que já foi defendido aqui: de que a Comissão de Socorros Públicos no Piauí surgiu para auxiliar a grande massa de pobres que foram afetados pela seca. Todavia, o que se percebe é que a elite que estavam na liderança dessa instituição transformou a seca em uma indústria, privilegiando a elite da capital, onde havia um sistema de contratos e os contratados geralmente eram sujeitos da mesma classe social.

Portanto, diante do que foi exposto, este trabalho é fruto de análises, leituras de jornais da época e de transcrições da documentação da Comissão de Socorros Públicos no Piauí. Desta maneira, conclui-se que a seca no sertão nordestino não deixa de ser um fenômeno nefando que obriga a natureza e o homem a se modificarem, no caso deste último, é obrigado a buscar refúgio a quem possa matar sua sede, lhe der um pedaço de terra e/ou um emprego para conseguir passar por esse momento difícil e que, desse modo, consiga sustentar o sonho de voltar para casa. No entanto, no decorrer das análises das fontes e de seus cruzamentos com outras obras que trabalham essa temática, o que se percebe foi uma desumanização por parte dos governos provinciais ao pregar um falso assistencialismo, atrelado a ideia de progresso, como justificativa para a exploração nos trabalhos que trabalhadores livres e migrantes eram sujeitados.

É nesse sentido que buscamos entender, analisar e problematizar os meios de assistencialismo no período de seca no Piauí. Percorrendo o caminho dos migrantes, tendo um olhar crítico sobre os trabalhos oferecidos, como também as barganhas concedidas entre os poderosos locais, que se beneficiavam da tragédia da seca, lucrando

[54] NEVES, Frederico de Castro. Seca, Pobreza e Política: o que é politicamente correto para os pobres? **Trajetos (UFC),** v. 7, p. 186-199, 2009. Disponível em: http://www.revistatrajetos.ufc.br/index.php/Trajetos/article/view/11. Acesso em: 27 nov. 2023.

com os mantimentos e ajuda mandados pelo governo. Período esse que modificou a vida de muitos sertanejos pobres, acometidos de fome, doenças e exploração. Em suma, um dos objetivos deste trabalho é tirar do anonimato "(...) este homem esquecido, o trabalhador livre nacional."[55]

Enfim, o que se percebe é que nem sempre a história é feita de rupturas, muitas delas é também feita de continuidade. Assim, apesar do nosso recorte espacial se concentrar no final do século XIX, ainda podemos encontrar reminiscências dessas práticas nos atuais dias de hoje. Uma vez que até o presente momento há uma grande exploração dessa massa de trabalhadores que conseguimos identificar características semelhantes do referido período. À vista disso, a História é uma importante aliada para entender o presente e nos ajudar a sair desse labirinto, cujo o Minotauro é essa insistência de uma exploração dessas classes mais baixas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado ao longo deste trabalho, percebemos que o caminho que essa pesquisa percorreu foi o da micro-história. Nosso foco foi falar da gente comum, aqueles sujeitos desconhecidos da história que, naquele contexto de seca e fome, foram protagonistas - resistindo à calamidade pública e à maldade humana. Sendo alvos de uma análise míope, tanto daqueles que produziram os relatórios e requerimentos da comissão de socorros públicos como daqueles que escreviam para o jornal "A Imprensa". Mas, não devemos esquecer daquela historiografia tradicional, que olhava somente para as "grandes figuras da história" e acabara esquecendo dessa grande massa anônima que também tinham uma história para contar. A renovação historiográfica se deu na metade do século XX e abriu novos horizontes para a pesquisa e o fazer história. Porém, os sujeitos personagens principais dessa pesquisa ainda aparecem tímidos nas produções acadêmicas, contando com poucos trabalhos na escrita da história.

[55] EISENBERG, Peter. **Homens esquecidos**: escravos e trabalhadores livres no Brasil- séculos XVIII e XIX. Campinas: UNICAMP, 1989, p. 237.

Portanto, esta pesquisa se debruça na conjuntura da seca de 1877-1879 no Piauí oitocentista, analisando os trabalhadores livres e migrantes diante daquela calamidade pública. Ou seja, a partir das análises das fontes, percebemos a migrações de uma quantidade de pessoas que causou insatisfação por parte das elites ao chegarem na capital e outras regiões do Estado. As constantes reclamações fizeram com que o governo criasse núcleos coloniais e que direcionassem esses migrantes para estas. Esses discursos estavam atrelados à ideia de progresso, na qual o trabalho forçado foi justiçado. Assim, dentro dessa narrativa, muitos fazendeiros se aproveitaram do momento para oferecer a esses sujeitos "ajuda", mas, na realidade, muitos foram explorados em suas fazendas, dado que o trabalho livre acabara sendo um trabalho árduo análogo à escravidão.

Para tratar desse tema, foi imprescindível falarmos sobre o sertão e suas características. Para isso, usamos trabalhos tanto de literatos como de geógrafos para nos ajudar a construir no imaginário do leitor o cenário do sertão dentro daquela condição de seca. A imprensa aqui, por meio dos seus noticiários, também nos deu essa "imagem", mas, como os periódicos faziam um jogo de disputas políticas dentro de suas narrativas, tomemos cuidado para não cair no sensacionalismo e na indústria da seca criados para favorecer partidos políticos e seus representantes.